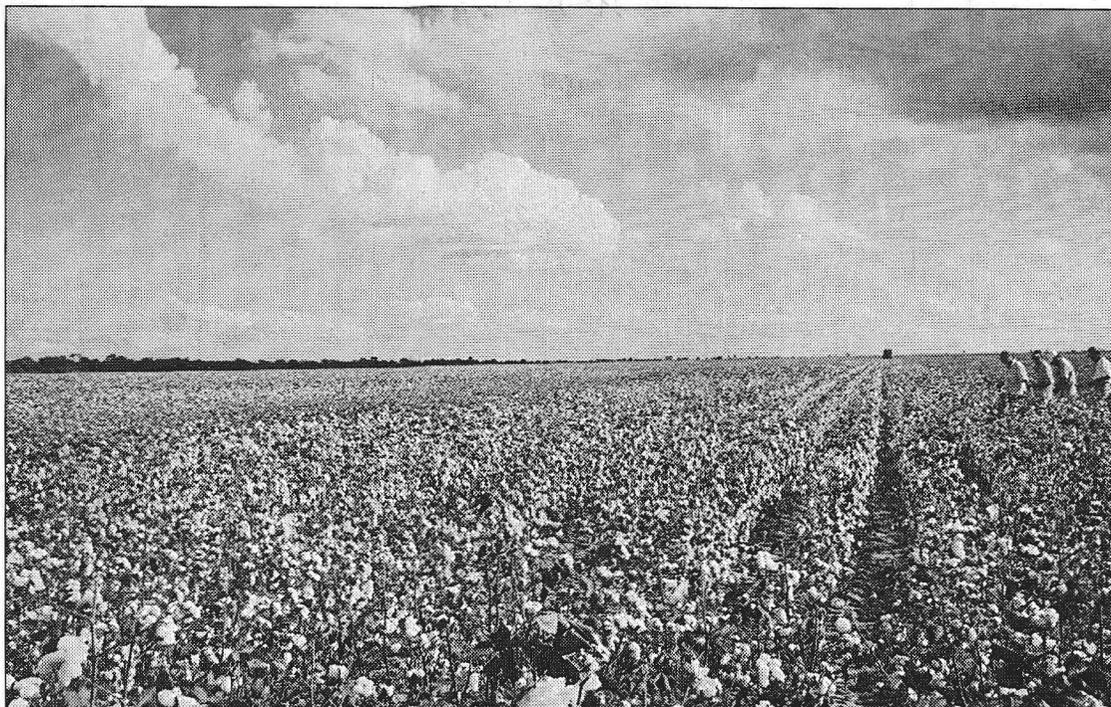


O rei do algodão ²⁵⁴

A produção do algodão, que sempre esteve ligada ao Sul, chega ao DF, onde o clima e o solo são perfeitos para o cultivo



Além de safras rentáveis, o DF começa a usar o caroço do algodão na alimentação do gado

A próxima sexta-feira promete entrar para a história do Distrito Federal. É quando será dada a largada, no Núcleo Rural Santos Dumont, em Planaltina, à primeira plantação de algodão da região, em um projeto que pode mudar radicalmente o perfil agrícola do DF. A audaciosa estréia é encabeçada pelo empresário rural Nelson Schneider, um catarinense radicado há 22 anos em Brasília, que aqui montou sua base para cultivar perto de 15 mil hectares de plantações no Centro-Oeste e expandir a produção para países vizinhos, conquista partilhada com sócios ilustres como o embaixador do Brasil em Roma, Paulo Tarso Flecha de Lima.

Em Planaltina, Schneider vai plantar 500 hectares de algodão, cujo início da colheita está programada para o dia 21 de abril do ano 2000 - uma forma de garantir a inclusão do campo nos festejos dos 500 anos do Descobrimento. "É um projeto-piloto com o qual pretendemos demonstrar, na prá-

tica, o alto rendimento e lucratividade do algodão, buscando incentivar mais agricultores", revela Schneider. Segundo ele, esta cultura só é economicamente viável se reunir pelo menos 4 ou 5 mil hectares de plantações vizinhas, o mínimo suficiente para manter uma indústria de beneficiamento.

A idéia de Schneider é promover uma série de "Dias de Campo" para que os futuros cotonicultores acompanhem como se faz o preparo da terra para o algodão, o plantio, o controle das pragas e a colheita. Mas esta não é uma aposta para qualquer agricultor, avisa o empresário. "O algodão é

uma cultura que não resiste a amadores, pois exige dedicação diária e muita tecnologia, o que significa que os investimentos não são baixos", adianta.

O que Schneider está propondo faz parte de um projeto bem mais ambicioso - a transferência da cultura do algodão do Sul do País, hoje concentrada em estados como o Paraná, São Paulo e sul do Mato Grosso do Sul, para o Centro-Oeste. E quem saiu na frente foi justamente ele, que, há três anos, convenceu outros 26 agricultores de Unaí (MG) a plantar algodão em uma área que, hoje, já chega a 10.500 hecta-

res - 2.500 dele próprio, em sociedade com Flecha de Lima. O resultado foi tão bom que a produtividade média da região alcançou 200 arrobas (três toneladas) por hectare, contra as 130 dos produtores do Sul.

"Na última safra, conseguimos colher até 319 arrobas (4,7 toneladas) por hectare em algumas dessas áreas. É uma das maiores produtividades registradas mundialmente e termômetro inquestionável do potencial do Centro-Oeste para a cultura do algodão", argumenta o empresário.

MÁRCIA QUADROS

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA